



## **CURRÍCULO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE TEATRO**

FERNANDA LIMA FERREIRA<sup>1</sup>

BENEDITO GONÇALVES EUGENIO<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Este texto apresenta reflexões iniciais de uma pesquisa de mestrado sobre formação docente e relações étnico-raciais no ensino de Artes na escola. Por mais que eu tenha ingressado no curso de Licenciatura em Teatro no ano de 2017, as minhas primeiras reflexões sobre a formação de professores aparecem em minha trajetória a partir do 4º semestre do curso, quando passei a fazer parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O PIBID é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação que busca oferecer aos discentes de licenciaturas uma aproximação com a prática dentro das escolas públicas de ensino básico.

Foi no PIBID que tivemos os primeiros contatos com planejamento de curso e de aula, organização de conteúdo, buscas por referências para trabalhar identidade afro-brasileira em sala de aula e a busca por formação e mecânicas que auxiliassem o pensar e o repensar de práticas pedagógicas já existentes dentro da escola na qual atuamos. Ser bolsista de um programa de iniciação à docência foi um ponto crucial tanto para minha formação como arte/educadora, assim como para a formação de minha identificação com as temáticas identitárias raciais, as quais me levam a refletir sobre como está sendo formulado e aplicado o currículo do curso de

---

<sup>1</sup> Licenciada em Teatro (UESB). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/ODEERE/UESB).

<sup>2</sup> Doutor em Educação (UNICAMP). Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB).



Teatro da UESB em comparação com o que é posto em prática na UFBA. Tal comparação visa analisar como nós, futuros professores, estamos sendo preparados para trabalhar os conteúdos e as questões referentes à História e Cultura Afro-Brasileira, já que a Lei 10.639/2003 prevê que serão conteúdos ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. Neste texto apresentamos algumas reflexões sobre a importância da abordagem das relações étnico-raciais no currículo de formação de professores de Teatro.

### **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E FORMAÇÃO DOCENTE: ALGUMAS REFLEXÕES**

No momento em que pensamos o racismo como um elemento enraizado na nossa sociedade, na qual ainda vivemos sob os efeitos e reflexos de uma colonização e de como a colonialidade ainda está presente na organização das relações, nos deparamos em um cenário de desigualdade enraizado na estrutura social que vivemos. Para Silvério (2013, p.34), Fanon “afirmou que racismo foi um aspecto central da dominação colonial, o qual, em conjunto com outros mecanismos, intencionava transformar a população colonizada em objetos usados para os propósitos do colonizador.”

Dessa forma, compreendendo que o racismo foi usado como força dominadora durante o período colonial, podemos entender que atualmente a educação para as relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana têm subsídios para buscar meios fundamentais para a valorização e presentificação do legado da diáspora africana. Tal fato proporciona uma identificação positiva com toda a nossa origem negra e, por fim, permite encontrar no ensino da arte um caminho para a superação do racismo.

Compreendemos que é imprescindível possibilitar aos professores, por meio do currículo, possibilidades de reflexão sobre a sua importância



enquanto mediadores do ensino da arte na propagação da perspectiva antirracista e decolonial das relações étnico-raciais, criando dentro da escola um ambiente político e multicultural que valoriza as diferenças existentes entre distintas manifestações culturais.

Com efeito, refletir de que forma estão sendo articuladas as temáticas das relações étnico-raciais no currículo de formação de futuros professores de Teatro é de grande importância, pois assim é possível chamar atenção para a necessidade de formação de educadores mais articulados e com embasamento teórico e prático mais sólidos, capazes de executar em sala de aula o que é previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais.

O contexto em que estamos inseridos exige que haja uma reformulação descolonizadora nos currículos dos cursos de Licenciatura em Teatro em relação à África e aos afro-brasileiros, visto que o Brasil se desenvolveu explorando homens negros e mulheres negras, escravizados e escravizadas. Para que isso aconteça de forma eficiente, de modo que valorize e presentifique a luta pela liberdade e pela dignidade dos povos negros dentro das graduações em licenciatura, os futuros professores de Teatro devem inter-relacionar conhecimento sistemático, cultura e ação política, atrelando corporeidade, emoção, política e arte à prática docente.

Segundo Gomes (2012), apenas com a compreensão da radicalidade dessas questões e desse contexto, no qual ocorre o tenso choque entre paradigmas culturais e formas de conhecer o mundo consideradas dominantes em detrimento de outras, por meio de formas explícitas e simbólicas de força e violência, é que poderemos mudar o registro e o paradigma de conhecimento com os quais trabalhamos na educação. Este é um dos passos para uma inovação curricular na escola e para uma ruptura epistemológica e cultural com a ótica dominante (GOMES, 2012).

Descolonizar os currículos de formação de professores, a fim de preparar os futuros docentes para estabelecer o ensino de história e cultura



afro-brasileira e africana, é um processo fundamental no sentido de reconhecer a urgência da necessidade de estruturar uma educação que reconheça a pluralidade dentro da sociedade e as diferentes formas de se reconhecer dentro dela.

## **CURRÍCULO, DECOLONIALIDADE E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Compreendemos que descolonizar currículos é uma tarefa possível, desde que estejamos prontos para enfrentar conflitos e confrontos para que, assim, possamos construir algo novo capaz de tornar a sala de aula um espaço que valoriza a luta do povo negro pela liberdade e igualdade.

Dessa forma, considerando o contexto da colonialidade, sendo colonialidade os signos da colonização contemporizados pela colonialidade (QUIJANO, 1998), na qual estamos inseridos, justamente pelo fato de como se deu a colonização do nosso país, a qual estabelecia uma relação de poder por meio do racismo, apagamento dos povos originários e dos negros e das negras de histórias do nosso país e da nossa identidade.

Assim, compreendemos que a escola, por meio dos currículos colonizados, materiais pedagógicos e de suas práticas, acaba por valorizar a história do colonizador e, por consequência, subalternizando as histórias dos sujeitos que estão fora desta “norma” (homem e branco).

Os currículos monoculturais sustentam a herança colonial na escola, isto é, os mesmos padrões que valorizam uma única forma de ser, de saber e de viver: a eurocêntrica que permanece hegemônica nas práticas curriculares (FERREIRA; SILVA, 2013, p. 27).

Nessa perspectiva, identificamos práticas de currículos colonizados dentro das salas de aula, na hierarquização do conhecimento, no silenciamento da história, cultura, civilização e conhecimento de negros e negras na ascensão do pensamento europeu.

Preparar os futuros professores para oferecer aos alunos e alunas o



ensino da história e cultura afro-brasileira e africana dentro do ensino básico é descolonizar os currículos dos cursos de licenciaturas compreendendo que não se trata de mais uma disciplina ou novos conteúdos, mas sim, uma mudança cultural e política no universo curricular e epistemológico que poderá romper com o silêncio e desvelar esse e outros rituais pedagógicos a favor da discriminação racial. Aqui temos a oportunidade de dar voz às culturas negadas e silenciadas dentro dos currículos e refletir sobre a urgência de estudar, com um olhar crítico, a nossa história por um outro paradigma, o que acarreta na descolonização do currículo (GOMES, 2012).

Os cursos de Licenciatura em Teatro oferecidos pela UESB e pela UFBA pretendem formar educadores e educadoras em Teatro para exercerem a docência na área, com cenário crítico, ou seja, um cenário que o pensamento crítico dos sujeitos seja levado em consideração, e consciência sociopolítica.

Diante disso, esta pesquisa se compromete com a necessidade de construir um levantamento bibliográfico com bases de dados reconhecidas pelas pesquisas e discussões nos campos da educação e/ou das artes, além de fazer um breve levantamento histórico sobre o ensino da arte no Brasil.

Tal levantamento deve contar com a análise da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, dos Parâmetros Curriculares Nacionais, da nova Base Nacional Comum Curricular e da Resolução 02/2015, a qual versa sobre a formação de professores. Com isso, o objetivo é compreender o campo de estudos da formação de professores e professoras de teatro no curso oferecido pela UESB e pela UFBA, considerando a necessidade que os professores formados pelo curso têm de estabelecer discussões com a temática racial dentro da sala de aula, visto que as Diretrizes Nacionais apontam que as Instituições terão que providenciar Inclusão de discussão da questão racial como parte integrante da matriz curricular, tanto dos cursos de licenciatura para Educação Infantil, os anos iniciais e finais da Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, como de



processos de formação continuada de professores, inclusive de docentes no Ensino Superior (BRASIL, 2004, p. 23).

As diretrizes curriculares nacionais buscam trazer ao ensino superior pautas das questões raciais. Dentro dessa esfera faz-se necessário pensar de que forma os futuros professores e professoras estão sendo preparados e preparadas para trabalhar os conteúdos e as questões referentes à História e Cultura Afro-Brasileira, conteúdos que a Lei 10.639/2003 prevê que serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras, dessa forma, para Silva (2011) “a identidade étnica e racial é, desde o começo, uma questão de saber e poder” (SILVA, 2011, p.100), portanto, esse poder pode contar com o auxílio de leis e políticas que almejam a descolonização, práticas antirracistas e a valorização da identidade étnica e racial.

Quando reconhecemos as histórias do nosso povo negro nos reencontramos com a resistência e valorização que nos acompanham por toda a história da humanidade, além de consolidar narrativas históricas, culturais e sociais do nosso povo para que, dessa forma, possamos conquistar currículo que busca ser emancipatório, diverso e multicultural, necessariamente deverá reconhecer a diversidade dos sujeitos e de suas experiências (GOMES, 2012) . Segundo Gomes as leis são portas de entradas para construir uma educação antirracista que pensa histórias e culturas afrobrasileiras:

Nesse sentido, a mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação antirracista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o ‘falar’ sobre a questão afro-brasileira e africana. Mas não é qualquer tipo de fala. É a fala pautada no diálogo intercultural (GOMES, 2012, p. 105).

Documentos como a Resolução CNE 02/2019, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial de professores para a Educação Básica e a Resolução CNE 02/2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior em



licenciaturas e para a formação continuada são importantes para compreender o papel trazido pelo arcabouço legal para a inserção das relações étnico-raciais no currículo de formação docente e a descolonização do conhecimento. A respeito disso, Gomes afirma:

Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciemos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos (GOMES, 2012, p. 102).

Precisamos apresentar aos nossos alunos e alunas novas formas de enxergar a si próprios dentro das esferas das linguagens artísticas, valorizando as pessoas negras e suas culturas. Para que isso aconteça, repensar o currículo dos cursos de Licenciatura em Teatro se faz necessário a fim de possibilitar que professores construam uma bagagem potente de conteúdo sobre questões raciais dentro da sala de aula, as quais contam com uma abrangência que percorre toda a sociedade brasileira. Nesse sentido, Gomes (2012) assume que:

[...] a mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação anti-racista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o "falar" sobre a questão afro-brasileira e africana. Mas não é qualquer tipo de fala. É a fala pautada no diálogo intercultural. E não é qualquer diálogo intercultural. É aquele que se propõe ser emancipatório no interior da escola, ou seja, que pressupõe e considera a existência de um "outro", enquanto sujeito ativo e concreto, com quem se fala e de quem se fala. E nesse sentido, incorpora conflitos, tensões e divergências (GOMES, 2012, p. 105).

Dessa forma, é importante destacar que o trabalho de Gomes (2012) representa a importância de refletir sobre a descolonização de currículos, entendendo que um currículo antirracista, que valoriza o corpo negro e a sua cultura, é um símbolo de resistência que desconstrói os legados coloniais e a invisibilidade afrocentrada. Tal ato representa a compreensão da



importância de demarcar o lugar de todos os sujeitos que fazem parte da nossa sociedade, pois devemos assumir nosso papel de griô, contar narrativas sem negar histórias que revelam as vivências de corpos negros.

O currículo, mesmo sendo o campo de atuação da relação professores/educandos e professoras/educandas, enquanto tema, tem ocupado pouco espaço entre as discussões educacionais da pedagogia teatral e das artes cênicas em geral. Dessa forma, é necessário ampliar esse horizonte de pesquisas publicadas no intuito de enriquecer a nossa compreensão do que é um currículo preocupado em propagar e compreender questões em relação à África e aos afro-brasileiros e por fim descolonizador.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Romper com o que Adichie (2019) nomeia como “história única” é um elemento fundamental nos currículos de formação de professores. A colonialidade do saber trouxe como uma de suas implicações a produção de uma narrativa única e do trabalho com conhecimentos como se fossem universais. A adoção da perspectiva decolonial pode contribuir para o questionamento da lógica da colonialidade, valorizando narrativas outras. Um currículo decolonial precisa ser construído e utilizado como instrumento de luta e emancipação social.

É cada vez mais urgente a formação de professores e professoras que compreendam como as culturas negadas e silenciadas nos currículos implicaram em uma visão parcial da sociedade.

## **REFERÊNCIAS**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

APPLE, M. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.



BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP/003/2004**. Brasília, 2004.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico/Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 4 de 8 de Março de 2004. **Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Teatro e dá outras providências**. Brasília, DF, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, DF, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília, DF, 2020.

FERREIRA, Michelle G.; SILVA, Janssen F. **Perspectiva Pós-Colonial das Relações Étnico-Raciais nas Práticas Curriculares**: conteúdos selecionados e silenciados. Teias, v. 14, n. 33, p. 25-43, 2013

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Revista Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr. 2012.

JAPIASSU, R. O. V. **Metodologia do ensino do teatro**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

MOREIRA, A. F. B. Vivendo um currículo pós- colonial: um diálogo com John Willinsky. In: MOREIRA, A. F. B.; PACHECO, J. A. e GARCIA, R. L. (Orgs.) **Currículo: pensar, sentir e diferir**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVÉRIO, V. R. Multiculturalismo e metamorfose na racialização: notas preliminares sobre a experiência contemporânea brasileira. In: Maria da Glória Bonelli e Marta Diaz Villegas de Landa (Orgs.). **Sociologia e mudança social no Brasil e na Argentina**. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina (Análisis). **Ecuador Debate**, n. 44, p. 227-238, 1998. Disponível

# "ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/6042>.

REIS, M. P. de A. **A formação de professores/as de Arte em educação para as relações étnico-raciais:** interrogando os currículos de licenciatura em teatro. São Carlos: UFSCar, 2017.